

O patriarcalismo como ferramenta de opressão e a escrita feminina no conto “O manequim”, de Adalgisa Nery

The patriarchalism as a tool of oppression and women's writing in the tale "O manequim", by Adalgisa Nery

Marcos Antônio Fernandes dos Santos¹

Macksa Raquel Gomes Soares²

Resumo: O movimento modernista foi responsável por importantes transformações artísticas, intelectuais e no pensamento vigente no século XX, tendo ressonância nas mais diversas áreas do conhecimento e da vida humana. Se muitas transformações aconteciam nesse momento, a posição feminina na sociedade também estava se moldando, embora o patriarcado tivesse forte domínio sob grande parte do funcionamento social, econômico e familiar. Nesse contexto, a literatura encontrava-se, como em outros tantos momentos, como uma poderosa ferramenta de reflexão e questionamento sobre o homem, a vida e suas configurações. O objetivo da discussão promovida por este artigo é analisar as marcas do patriarcalismo no conto “O manequim”, de Adalgisa Nery, observando como essa estrutura funciona como um mecanismo de controle frente à figura feminina. Assim, a proposta dialoga com a necessidade de apresentar a obra da escritora, trazendo também um pouco de sua perspectiva sobre a vida e a sociedade, já que são muito evidentes as marcas do pensamento e da vida pessoal de Adalgisa em sua escrita. A metodologia utilizada para a construção do trabalho tem abordagem qualitativa e quanto aos procedimentos, é bibliográfica. Consiste numa análise teórico-crítica sobre o texto em questão da escritora. No contexto do conto, o patriarcalismo é uma ferramenta de controle social que coloca as mulheres em situação de vulnerabilidade, de marginalidade, de apagamento, privilegiando, portanto, o homem, que está no comando, no centro da organização familiar e social.

Palavras-chave: Adalgisa Nery; Literatura brasileira moderna; Escrita feminina; Patriarcalismo; Vozes esquecidas.

Abstract: The modernist movement was responsible for important artistic, intellectual and thought transformations in force in the twentieth century, having resonance in the most diverse areas of knowledge and human life. If many transformations were happening at that time, the female position in society was also shaping, although patriarchy had strong dominance under much of the social, economic and family functioning. In this context, literature was, as in many other moments, as a powerful tool of reflection and questioning about man, life and its configurations. The aim of the discussion promoted by this article is to analyze the marks of patriarchy in the short story “The mannequin”, by Adalgisa Nery, observing how this structure works as a control mechanism in front of the female figure. Thus, the proposal dialogues with the need to present the writer's work, also bringing some of her perspective on life and society, since the marks of Adalgisa's personal thought and life are very evident in her writing. The methodology used for the construction of the work has a qualitative approach and, as for the procedures, it is bibliographic. It consists of a theoretical-critical analysis of the text in question of the writer. In the context of the tale, patriarchy is a tool of social control that places women in situations of vulnerability, marginality, women, favoring, therefore, the man, who is in charge, at the center of family and social organization.

Keywords: Adalgisa Nery; Modern Brazilian literature; Female writing; Patriarchy; Forgotten voices.

¹ Doutorando em Letras (Estudos literários) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: marcossantos@professor.uema.br. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-6892-5056>.

² Doutoranda em Letras, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: macksasoares32@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6112-9137>.

Considerações iniciais

Desde o seu surgimento a literatura brasileira tem acompanhado as transformações que acontecem no mundo. Atenta a todas e às novas possibilidades de concepção artística, nossa literatura tem recebido influências de diversos movimentos e vanguardas estéticas, embora seja sempre possível evidenciar os traços próprios de nossa produção literária. Nesse contexto, é provável que a estética modernista tenha sido uma das que mais impactou não somente a literatura produzida no Brasil, mas as artes em geral.

O modernismo foi um movimento estético ideológico que aconteceu em diversas partes do mundo, com forte ressonância em países europeus, como é o caso de Portugal, onde as ideias postas pelo movimento foram bastante cultivadas. A estética modernista chega com uma proposta radical de mudança na concepção tradicional de arte, e mesmo no que diz respeito ao pensamento social vigente na época, tendo sido um movimento iniciado e desenvolvido durante os primeiros anos do século XX, período em que o mundo assistia a intensas transformações nos mais diversos setores da vida social.

No Brasil, muitos de nossos intelectuais aderiram às propostas radicais do movimento que, entre outras coisas, buscava a valorização do nacional e a criação de uma arte que então nos identificasse e rompesse com o padrão importado, especialmente eurocêntrico. A semana de arte moderna, ocorrida no ano de 1922 foi o marco do movimento em terras brasileiras, ocasião em que nossos artistas puderam expressar seus novos anseios e apresentar à sociedade o ideal artístico defendido pelo grupo que mantinha apreço pela concepção de arte defendida pelos modernistas.

Em nosso caso temos influência direta do movimento modernista português, tendo sido Oswald Andrade um dos grandes responsáveis pela introdução da estética no Brasil, já que o mesmo, em viagens a Portugal, acabara tendo contato com a ideologia, sendo influenciado por ela e divulgando-a em retorno ao Brasil. Por isso, um dos precursores do modernismo no país. Se por um lado o movimento foi responsável por consagrar grandes e importantes escritores de nossa literatura, por outro lado nem todos aqueles que produziram nesse período obtiveram o devido reconhecimento ou lugar de prestígio, mesmo com a reconhecida qualidade de suas obras.

Muitos escritores do modernismo brasileiro são conhecidos pelos leitores e até mesmo por aqueles que fogem desse nicho, porém, outros nomes relevantes que produziram durante a

vigência do movimento modernista no país foram total ou parcialmente esquecidos pelo público, e isso tem a ver com uma série de fatores de segregação ou apagamento, instituídos por mecanismos sociais diversos, tais como a política, a mídia, o gênero, a crítica literária, entre outros.

Nesse contexto da produção literária modernista brasileira, assim como em tantos e muitos outros momentos da história, verifica-se que o número de escritores é bem maior em relação ao de escritoras, as mulheres mais uma vez estão em menor número, apesar de podermos destacar importantes nomes femininos desse período, tais como Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Cecília Meireles e Rachel de Queiroz. Se os nomes femininos já não são muitos, incluiremos ainda o fato de que algumas escritoras que estiveram envolvidas com o movimento modernista e que produziram durante o período foram apagadas e silenciadas.

O apagamento dessas vozes é consequência de uma estrutura social e patriarcal que historicamente silencia mulheres em todos os campos da vida, conferindo ao homem o poder de produzir arte, literatura, por exemplo, com exclusividade, justificando mais uma vez que mulheres são vistas como submissas e/ ou objetificadas, violentadas.

Desse cenário podemos destacar, por exemplo, o nome da escritora Adalgisa Nery, figura importante no contexto modernista brasileiro, mas que fora silenciada, invisibilizada da história do movimento, já que não é comum encontrar seu nome entre aqueles que estiveram relacionados com o modernismo no Brasil, mesmo tendo sido uma voz expressiva nesse momento.

Adalgisa Nery foi casada com o famoso pintor Ismael Nery, relação que, no entanto, foi bastante conturbada e que não deixou boas marcas na vida da escritora. Ao seu lado, mesmo enquanto escritora, Adalgisa nunca teve tanta visibilidade, porque o então esposo esteve em maior evidência, tendo ela ficado sob a sua sombra. Ismael fora para com Adalgisa um marido agressivo, tendo ela sido vítima de violência doméstica durante o tempo em que durou o casamento, que acabou por consequência da morte do escritor no ano de 1922, quando o Brasil presenciava a concretização dos valores modernistas a serem cultivados por aqueles afeiçoados ao movimento, com a realização da semana de arte moderna, em São Paulo.

Adalgisa se casou muito cedo, sem o consentimento familiar, aos 16 anos, e tendo vivido pouco com o primeiro esposo que faleceu aos 33 anos, vítima de tuberculose, casou-se novamente dez anos depois da morte de Ismael, com Lourival Fontes, importante figura da imprensa da época. Em sua escrita a autora desenvolve a temática existencialista, o niilismo, o

patriarcado e também demonstra uma postura feminista questionadora de uma organização social que privilegia o homem. Sua escrita é potente e muito articulada com sua existência enquanto mulher, observando-se então fortes marcas autobiográficas. Aborda ainda, entre outras questões, importantes temas políticos, aspecto com o qual fora muito envolvida.

Partindo da obra de Adalgisa Nery, mais especificamente do seu livro de contos *22 menos 1* (1972), o objetivo desse artigo é analisar as marcas do patriarcalismo no conto “O manequim”, observando como essa estrutura funciona como um mecanismo de controle frente à figura feminina. Assim, a proposta dialoga com a necessidade de apresentar a obra da escritora, trazendo também um pouco de sua perspectiva sobre a vida e a sociedade, já que são muito evidentes as marcas do pensamento e da vida pessoal de Adalgisa em sua escrita. A metodologia utilizada para a construção do trabalho tem abordagem qualitativa e quanto aos procedimentos, é bibliográfica. Consiste numa análise teórico-crítica sobre o texto em questão da escritora.

1 Adalgisa Nery e o contexto do modernismo no Brasil

Adalgisa Nery foi uma escritora brasileira, nascida em 1905, na cidade do Rio de Janeiro. Desde pequena teve uma vida muito atribulada, o que não foi motivo para que se verificasse desde cedo sua sensibilidade poética. Aos oito anos fica órfã de mãe, episódio que certamente a marcaria para toda a vida. Aos 16 anos se casa com Ismael Nery, seu primeiro marido, em situações não muito favoráveis, uma vez que a própria família não aceitou bem o casamento. Com essa união, Adalgisa passará a ter um contato mais frequente e intenso com a vida intelectual, tendo em vista a posição e a influência de que o esposo gozava enquanto artista plástico já bem reconhecido.

Assim, a escritora terá contato com inúmeros artistas que se fizeram presentes no cenário modernista, mas a história não necessariamente deixará seu nome em evidência como uma escritora e intelectual do modernismo brasileiro. Uma simples busca em livros em que constam a historiografia da literatura brasileira, como é o caso de *História concisa da literatura brasileira* (2015), de Alfredo Bosi, nos evidencia a ausência total do nome da Adalgisa Nery quando se trata do movimento modernista brasileiro. Vários escritores são citados, destacados, mas, no entanto, a autora nem ao menos é lembrada, assim como em tantas outras referências que se pode consultar.

Do matrimônio com Ismael Nery, Adalgisa carregaria marcas profundas da violência e do desengano, tendo vivido com um homem sob o qual esteve à sombra. Vítima de violência doméstica, a escritora teve um olhar bastante atento para a organização da sociedade em torno do patriarcalismo, sobre o casamento enquanto instituição social, e sobre o lugar reservado às mulheres na sociedade. Através da sua escrita, é evidente o seu pensamento sobre essas questões e o tratamento poético dado a elas, sempre cheio de profundidade, com intensa carga filosófica, revelando aspectos existenciais e teor niilista, um olhar desacreditado sobre a realidade que a cercava, tendo em vista que sua produção foi marcada pela vida que teve.

Importante intelectual e escritora com produtividade em termos de qualidade, Adalgisa seguiu sua vida após o fim do primeiro casamento e uniu-se em matrimônio novamente passado um tempo da perda de Ismael, agora com o então diretor do departamento de imprensa e propaganda da ditadura de Getúlio Vargas, Lourival Fontes. Ao lado do então esposo, a escritora a serviço do regime passou um tempo no Canadá e nos Estados Unidos, onde conseguiu algum prestígio. No entanto, há que se ressaltar que o envolvimento de Adalgisa Nery com a ditadura Vargas é um ponto de sua vida a ser questionado, uma vez que teve relações diretas com um governo que deixou profundas marcas negativas, entre elas a implantação da censura.

Por outro lado, após a separação de Lourival e o conseqüente distanciamento do governo de Vargas, período turbulento de sua vida, a escritora se dedicará ao jornalismo, quando terá uma coluna diária no jornal *Última hora*, espaço que utilizará para tecer críticas a figuras políticas de atitudes e posicionamentos com os quais não concordava. Assim, Adalgisa também teve uma vida política ativa e intensa, tendo ainda exercido o cargo de deputada. De tal maneira, é contraditório que tendo sido uma figura marcante e de presença intensa no meio intelectual modernista, tenha sido ignorada quando se trata do modernismo brasileiro.

Discorrendo sobre a questão, o pesquisador Ramon Mello (2017), diz que o apagamento de Adalgisa Nery é decorrente de seu segundo casamento e da relação que esse fez nascer com a ditadura de Vargas. “Ao matrimônio com o temido chefe do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) da ditadura Vargas creditou um dos motivos do “silenciamento” da obra literária de Adalgisa Nery no meio intelectual” (MELLO, 2017, p. 13). Esse apagamento, no entanto, não tem relação com a inegável qualidade de sua obra, que mesmo esquecida, foi exaltada por personalidades literárias de muita relevância.

Escritores de grande destaque desse momento, como Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado, Jorge de Lima e Murilo Mendes foram apoiadores da escritora e teceram elogios à sua escrita, incentivando-a a continuar escrevendo suas obras. Sobre a escrita da Adalgisa, referindo-se ao romance *Neblina*, Drummond escreve:

Querida Adalgisa,

Só para mandar-lhe uma palavra sobre "Neblina", que você me ofereceu com o carinho de sempre. Esta palavra é de emoção pelo que há em seu livro de mergulho mais íntimo do ser. Através de uma hábil composição literária, que capta os mistérios da nobre psicologia e os apresenta numa atmosfera de sonho lúcido, que assim posso dizer. É desses livros diferentes, que não se esgotam com a leitura.

O abraço agradecido e o velho bem querer, Carlos. (CONTRACAPA DE NEBLINA, 2016).

O comentário de Drummond sobre a obra de Adalgisa demonstra afeto e proximidade para com a escritora, e ainda, sob a visão crítica do poeta, a qualidade e a riqueza literária da autora de *neblina*, que tem seu trabalho elogiado por um dos maiores nomes da literatura brasileira. Evidencia-se assim, a presença de Adalgisa Nery como uma personalidade potente em meio ao cenário modernista brasileiro e sua relação com outros escritores que foram muito influentes no contexto. No entanto, seu nome quase não aparece para os leitores ou para aqueles que tenham interesse pela história e literatura do período modernista.

2 O patriarcado e silenciamento de vozes femininas

A literatura é movimento e a escrita operacionaliza lugares de rompimentos dos padrões epistemológicos, para tanto é um ato político. “Escrever é agarrar a fala e mantê-la por perto” (HOOKS, 2019, p. 20). Assim, a escrita surge como uma das maneiras de repensar as estruturas que violentam historicamente os corpos femininos sinalados por diversas opressões e negações de direitos. Pensar a literatura produzida por *corpus* femininos é igualmente refletir sobre uma arte que insurge na contramão do patriarcalismo e as tradições que silenciam e demarcam politicamente esses corpos, visto que faz repensar sobre visões hegemônicas, machistas e sexistas comuns ao cânone literário, as quais são consideradas como universais e, por vezes, absolutas. Segundo, Ribeiro (2019, p. 34), é preciso refutar essas visões e pensar novos lugares, se permitir ouvir outras vozes.

O patriarcalismo é forma de opressão sobre as mulheres que demanda ao homem, seja ele de qualquer etnia, o poder do imperialismo que os fazem pensar que o corpo feminino é sua propriedade, ou seja, trata-se de violência física, psicológica, política, socialmente instituída por uma cultura que normaliza e desqualifica, silencia essas mulheres ao longo dos anos. Partindo desse pressuposto, Simone de Beauvoir (1989), explica que para a cultura opressiva do patriarcado as mulheres não são como indivíduos que conseguem pensar ou que têm uma opinião própria. É por isso que elas precisam estar ligadas aos homens, que servem como seus portas-vozes, e acabam perdendo tudo que elas têm, incluindo seus nomes e quaisquer outros direitos, submetidas às condições submissas, de subalternidade.

Para tanto, é importante assinalar que há autorizações discursivas as quais historicamente categorizam as mulheres na condição de subalternas, oprimidas, e nos permitem questionar quais vozes ganham anuência para falar/escrever e quais contextos em que essas vozes serão ouvidas. Questionamento já elaborado pela intelectual indiana Gayatri Spivak (2010), “Pode um subalterno falar?”, sua obra amplia essa discussão acerca da urgência de transcender barreiras impostas às mulheres. O sistema patriarcal atribui ao homem todos os privilégios de dominação e segundo Hooks (2014), esta dominação que ocorre ao mesmo tempo na esfera pública e privada atribui aos homens o poder e privilégios materiais, simbólicos e culturais, gerando assim, diversos tipos de violências tais como estupros individuais e coletivos, violência psicológica, agressão física, guerra e muito mais.

O processo patriarcal confere poder e prestígio sobre as pessoas que nascem com o pênis e que não tem relação com natureza ou aspectos biológicos, mas sim com uma cultura violenta institucionalizada pelo patriarcado. “Prestígio, privilégio e prerrogativas sobre e contra a classe das mulheres. É isto que é masculinidade. E não é nada mais que isto” (HOOKS, 2014, p. 72). Comportamentos institucionalizados fazem com que o homem reforce uns aos outros a máxima da masculinidade que não os deixa esquecerem de que não nasceram mulheres, e também por isso foram atribuídos culturalmente a eles alguns direitos sobre as mulheres. Essas e outras violências, assim como a propagação desses discursos, fecundam o patriarcado.

Na contramão dessas estruturas, as mulheres insurgem e transpõem-se para além das amarras, uma vez que tecem através da literatura os fios de sobrevivência e constroem identidades, ainda que fracionadas, para entenderem como funcionam os meios que as aprisionam e roubam sua humanidade. Escrever, para tanto, torna-se caminho possível de ressignificação e reinvenção de si. “Escrever é perigosa vaidade. Dá medo aos outros...”

(COUTO, 2012, p. 89). A literatura surge como essa travessia que dá início a ciclos de liberdade.

3 Análise do conto “o manequim”

“O manequim” é um dos 21 contos que compõem a obra *22 menos 1*, lançada originalmente em 1972, e revela o grande potencial narrativo da escritora que se impõe como uma voz questionadora e denunciadora da posição reservada à mulher na sociedade brasileira do século XX. A escrita de Adalgisa como um todo, incluindo o conto em questão, é representativa de vivências da escritora e de sua visão sobre a existência feminina, reveladas por meio de uma sensibilidade poética admirável. A narrativa nos apresenta uma narradora autodiegética que expõe suas dores diante da revolta pela obrigação de um casamento com alguém que nem ao menos conhecia, e do rompimento com seu sonho de amor e de felicidade.

O conto é iniciado pelo seguinte relato: “Sofro terrivelmente. Sofro porque não sei qual será o seu fim. Ele, a quem dediquei toda a minha vida, toda a mocidade, toda a minha pureza e virgindade” (NERY, 1972, p. 103). A narradora Abigail expressa e afirma o sofrimento existencial experienciado por ela e inerente à condição feminina. Esse é o maior de seus infortúnios, ser mulher e mulher que vive em meio a uma sociedade patriarcal. Quando se refere ao fim desse outro a quem dedicou toda a sua vida, temos como referencial o manequim que serviu de prova para o vestido que Abigail usaria em seu casamento, inicialmente contra a sua vontade.

O manequim, nesse sentido, tem simbologia importante na narrativa, ele representa a decadência da mulher que encontrou no casamento, ou na possibilidade dele, sua ruína. Nesse sentido, podemos estabelecer relações intrínsecas com a trajetória da autora do texto, já que Adalgisa fora marcada por dois casamentos não exitosos e que a modificaram profundamente. Verificam-se, portanto, traços autobiográficos na escrita em questão, sendo a autobiografia “qualquer texto em que o autor parece expressar sua vida ou seus sentimentos, quaisquer que sejam a forma do texto e o contrato proposto por ele” (LEJEUNE, 2008, p. 53).

Nessa conjuntura, Lacerda (2003, p. 40-41) esclarece que:

O texto autobiográfico constitui-se, então, como um gênero com fins literários mais definidos, com forte apelo à narração em detrimento à descrição e, além

disso, o estilo é mais pessoal a auto-referencial. O que não significa dizer que a verdade interior escravize o texto.

Nesse sentido, a teórica citada destaca que nesse tipo de escrita o autor empresta aos textos suas impressões, experiências de vida, além de manter um elo de “cumplicidade” com quem lê, uma vez que são características das narrativas de cunho memorialístico essa carga mais subjetiva, afetuosa, ou seja, há uma pulverização e transgressão da intimidade da autora com o leitor à proporção que o texto avança.

Ainda sobre o significado que o manequim carrega para a mulher, ele parece ser um importante instrumento de resistência contra a dominação masculina, um resquício da história e parte intraduzível da existência de Abigail. Daí, portanto, sua preocupação com o zelo e destino do objeto, especialmente diante de sua morte que pode ser pressentida. “Sei que vou morrer em breve... fico desesperada ao imaginar a quem ficará ele entregue. A quem? (NERY, 1972, p. 103). Se durante toda a sua vida esteve entregue nas mãos de homens, era preciso que assegurasse o destino do manequim antes de sua morte.

O manequim também pode ser considerado como a simbologia do silêncio, que atravessa o corpo da personagem, remontando quão desesperador pode significar uma mulher frente à mudez de um objeto. O manequim, portanto, representa a figura do pai configurando o patriarcalismo e suas implicações na vida das mulheres, a de nunca ser ouvida, a de estar sempre à mercê das decisões de outrem. Determinando a situação, a sociedade é grande responsável por tal configuração, quando de acordo com Safiotti (1987), percebemos que “a sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem” (SAFFIOTTI, 1987, p.8).

Adensando na narrativa, a narradora logo mais interrompe o relato inicial para fazer uma retomada a um momento decisivo de sua vida, embora lamentável e trágico, quando por ocasião da aproximação de seus 18 anos fora arranjada para casamento pelo pai, inicialmente contra sua vontade. Retornando ao passado, lembra de sua condição naquele momento: “Tinha eu dezoito anos [...] Tinha um ar de pássaro assustado, que me emprestava certa impressão de fragilidade, coisas bastante especiais para a atração feminina” (NERY, 1972, p. 104). Pelo exposto podemos perceber implicitamente que a descrição toda, ainda que evidenciada pela narradora, está incrustada no olhar masculino sobre ela e a condição feminina em geral.

Além da narradora, uma outra personagem feminina importante para a construção da narrativa e de seus significados é a mãe de Abigail. Contando-nos sobre sua vida, a vida da família e o episódio que se desenrolará, Abigail ressalta:

Minha mãe fora educada no sistema antigo, naquele em que as mulheres devem, unicamente, obedecer sem perguntar, naquele em que os donos únicos das suas vidas são os pais e, depois, o marido. Minha mãe havia casado por determinação expressa do meu avô. Os homens da família haviam deixado uma legenda, que passava de geração a geração "Só os pais sabem onde anda a felicidade dos filhos". E com isso, as mulheres ficavam submetidas à vontade absoluta do chefe da casa. Minha mãe habituou-se a servir sempre. Serviu ao pai e servia ao marido (NERY, 1972, p. 104).

O passado da mãe, não muito diferente de seu presente, vem à tona e somos apresentados ao estado de submissão das personagens que acabam sendo determinadas pela presença e pelas ações do outro, do homem, seja ele pai ou esposo. É uma mulher submissa, descrita na obra como uma sombra, ou seja, invisível, um vislumbre, desse modo, uma mulher cuja identidade está fragmentada e associada ao homem. Nesse sentido, é importante assinalar que o sistema do patriarcado faz das mulheres sombras, visto que as violentam, as invisibilizam.

Através do relato presenciamos uma certa visão de normalidade pela aceitação da mãe à sua condição de submissão, como se fosse objeto que pudesse ser possuído por um outro. Assim como será determinado à narradora personagem, à sua mãe também fora destinado um marido por determinação expressa do pai, aquele que conhecia o caminho da "felicidade" das filhas. Em todo o relato é evidente o tom denunciativo em relação à essa realidade em que as mulheres não tinham poder de decisão sobre suas próprias vidas.

Se por um lado a mãe da protagonista parece ter aceitado o lugar destinado a ela, Abigail se mostra insatisfeita com a sua condição e decidida a não aceitar ser colocada na posição de submissa, mesmo com as ordens que recebe da própria mãe. Além disso, também demonstra não ter na mãe um modelo em que se espelhar, nem alguém que possa admirar.

Minha mãe era boa, honesta, ordeira, submissa e trabalhadeira. Mas eu não admirava nenhuma dessas qualidades. Gostaria de tê-la visto um dia contrariando meu pai. Desejava que uma vez, ao menos, ela tivesse levantado a cabeça ou o afrontado com o olhar, já que com palavras seria totalmente impossível (NERY, 1972, p. 104).

É evidente que, nesse contexto, o patriarcalismo é uma ferramenta de controle social que coloca as mulheres em situação de vulnerabilidade, de marginalidade, de apagamento, privilegiando, portanto, o homem, que está no comando, no centro da organização familiar e

social. Assim, esse sistema oprime, é violento, embora a narrativa já em seus primeiros momentos naturalmente desnaturalize essa percepção da normalidade em relação às ações do patriarcado sobre as mulheres. Nesse sentido, a narrativa promove um diálogo necessário e destacamos que

Apesar de tantas conquistas nos inúmeros campos de conhecimento e da vida social, persistem nichos patriarcais de resistência. Basta que lembremos do salário inferior, da presença desigual de mulheres em cargos de direção e da ancestral violência que continua sendo praticada com a mesma covardia e abuso da força física. (DUARTE, 2011, p.10)

Contrariando essa estrutura, a literatura desarma qualquer percepção automática de normalidade a respeito da inferiorização da existência feminina em favor da supremacia masculina. Embora a mãe nunca tenha tido iniciativa de confrontar o marido, verifica-se que Abigail possui sim a intenção de se posicionar contrariamente ao pai e possivelmente também ao provável futuro esposo.

Nesse tear, a escrita feminina reivindica no texto a inserção de um corpo marcado por experiências do ser mulher, do dom maternal, da voz que quer ser ouvida, respeitada. Branco (1991) caracteriza de “dicção”, “tom”, “respiração próprias”, ou seja, falas que carregam feminilidade e isto as diferencia das demais. O texto deixa em evidência que para a protagonista o significado da figura paterna está certamente limitado à presença de um homem que administra o lar e que toma decisões em relação às ações da família, cumprindo também com suas obrigações elementares em relação à criação dos filhos. Por outro lado, nesse caso se excluem das obrigações paternas, o afeto, o respeito à liberdade individual dos filhos, entre outros aspectos que ferem a dignidade humana.

Os sentimentos da filha não são levados em conta, ela parece ser vista como objeto manipulável a favor das vontades e anseios do pai, que assume o papel de dono da jovem até que a mesma seja entregue ao marido, que teria então os direitos sobre ela. Sobre a relação do pai com ela e a mãe, observemos o seguinte relato de Abigail:

Falava sempre em tom imperativo, dominante. Conversava pouco com minha mãe, e a mim só se dirigia por ocasião de alguma enfermidade, desde que eu guardasse o leito. Entrava em meu quarto e indagava, já afirmativamente: “Está boa. Agora é levantar”. Estivesse eu com febre alta ou com dores, era assim que se aproximava de mim. Tinha tanto pavor da sua presença que, passando por ele, procurava cuidadosamente não roçar o meu vestido na cadeira em que estivesse lendo os jornais ou meditando. Nesse ambiente de casa, eu sentia uma surda revolta. Todo o tempo em que meu pai permanecia

junto a nós, um silêncio tétrico e misterioso baixava ao nosso teto. Nunca recebia a menor manifestação de carinho da parte dele. Era tratada como uma coisa estranha e inoportuna. Vivíamos em empurrões de alma. Ele empurrando minha mãe, e ela descarregando sobre mim tudo o que deveria descarregar, equitativamente, nos outros. Tinha a impressão de que eu representava, naquela casa, apenas um resultado: dois seres que se haviam unido, na idéia de se certificarem se ambos podiam procriar. Assim foi minha infância e existência até os dezoito anos. (NERY, 1972, p. 105).

O primeiro ponto que ressaltamos é a reafirmação da soberania do pai, do tratamento imperativo especialmente para com as mulheres da casa, que mal conseguiam olhar fixo na direção do pai ou falar quando ele estivesse presente. A relação com a esposa é claramente distante. Através do olhar da narradora, percebemos que para o homem existia uma clara necessidade de demarcar seu território e de impor sua soberania nesse território, resultando então no abismo gerado entre ele e as duas mulheres que vivam na casa. Mãe e filha, para ele, são quase como estranhas. Abigail demonstra, ao invés de respeito, medo do pai, receio de aproximar-se dele, o que transforma o espaço em que convivem apenas uma mera casa, e não um lar.

Não havia carinho, sequer a menor demonstração de afeto por parte do pai, que solidificasse então a relação familiar. A felicidade não coabitava na casa, a jovem se sentia, portanto, como o resultado de uma união fracassada, um mero produto da capacidade de procriação de um homem. Para a jovem, a esperança de alguma mudança, de progresso em sua vida, residia na chegada de seus 18 anos. Com a idade, esperava que pelo menos pudesse gozar de alguma liberdade e de outros privilégios. Próximo de completar a idade, fora questionada pelo pai se já tinha os dezoito anos completos, ou se estava por completar. Nesse momento, a intenção do pai no casamento arranjado para a filha já nos é evidente, assim como também somos capazes de perceber que o pai mal conhece a filha, o seu íntimo, os detalhes de sua vida.

Quando procurada pelo pai, Abigail relata: “Imaginei que, certificando-me de que eu era uma moça, me daria, pelo menos, o direito de falar, de conversar, de folgar minha voz. Porém, o silêncio continuou até que fomos para a mesa jantar” (NERY, 1972, p. 106). A expectativa de que sua vida melhorasse, além de frustrada, será anulada pela novidade que a espera. Eis o anúncio da mãe para a filha: “- Abigail, temos uma notícia alegre. Seu pai trará, amanhã, para o jantar, um amigo. E você deverá ser amável, atenciosa e obediente, porque será o seu futuro esposo” (NERY, 1972, p. 106). A jovem não reagiu bem ao comunicado, que na

verdade foi muito mais uma ordem, e questionou tal decisão tomada sem o seu consentimento, argumentando que não poderia se casar com alguém que não conhecia, nem amava.

Da mãe, que sempre esteve à sombra do esposo, de quem não poderia discordar, ouve como resposta: “- Seu pai sabe o que faz. Só ele pode saber onde está sua felicidade. [...] E depois, o seu pai sabe o que é de melhor, e o que de melhor lhe convém (NERY, 1972, p. 107)”. É preciso destacar, portanto, que a escolha do esposo para a filha não consiste numa atitude nobre e desinteressada do pai, porque envolvia interesses financeiros. Nesse caso, identificamos uma clara manobra de configuração e manutenção da estrutura patriarcal, que também está associado ao poder econômico, já que isso garante o status e o lugar de privilégio sobre as mulheres, as quais não detinham controle sobre as posses da família. Acima da estratégia, da conveniência, o pai cometia uma grave violência contra a filha, conforme ela mesma reconhece e destaca:

Violentada por aquela notícia, que era ordem, uma condenação, comecei a imaginar meu casamento e, então, minha definitiva desgraça. Sim, esse homem só poderia ser igual ao meu pai - áspero, seco, dominante e, possivelmente, teria também o mesmo pigarro odioso. Mais velho do que eu, com os mesmos hábitos que tanto me horrorizavam. Sim, era o que me esperava, sem dúvida. Fiquei contaminada pelo desespero (NERY, 1972, p. 107).

Embora Abigail estivesse desesperada diante da situação que lhe estava imposta, e tendo pensado nas mais diversas possibilidades de escapar de seu destino, inclusive de tirar sua vida, não conseguiu reagir de forma efetiva, pois não tinha maiores artifícios para lutar, e acabou tendo que conhecer seu futuro esposo (Amadeu), que para sua surpresa, em nada correspondia com as más expectativas que criara. Se encantara com o moço, tendo nesse encontro um vislumbre de possível felicidade.

E, quando entrei na sala, fui apresentada ao Sr. Amadeu. Um espanto desmedido cobriu a minha face. Não se parecia em nada com o meu pai. Era alto, forte, moreno, de boca bem marcada e sorriso amigável. O seu olhar era profundo, e quando apertou a minha mão, reconheci aquela vida tão necessária à minha alma, abafada no ambiente depressivo da minha casa. Minha fisionomia, que minutos antes era apagada e baça, iluminou-se e meus olhos tornaram-se brilhantes e vivos (NERY, 1972, p. 110).

Abigail deixou-se levar brevemente pela esperança de que nem tudo estava perdido, parecia ter recuperado o otimismo, mas esqueceu-se de que o sistema dominante não a permitiria uma vida promissora e livre do controle de um homem. Assim, mesmo com a

expectativa de que algo mude, a narrativa deixa o leitor de sobreaviso em relação ao destino da protagonista, quando pela estrutura espacial e temporal depreende-se que o sistema patriarcal acabará determinando o desenrolar e o final dos fatos.

Destarte, temos que mais uma vez por decisão do pai o casamento não aconteceu, por motivos de ter descoberto que Amadeu já tinha filho, fruto de outra relação, fato que havia omitido, e por isso não poderia aceitar que o rapaz se casasse com sua filha, sendo negada à moça mais uma vez a realização de suas vontades em detrimento de um sistema opressor que anulava sua existência.

Ao receber a notícia de que o casamento havia sido desfeito, a narradora expõe: “Fiquei paralisada. Creio que meu coração estancou de dor e desespero. Comecei a ouvir o pigarro de mel pai, enchendo os corredores, as salas, meu quarto, minha alma” (NERY, 1972, p. 114). A figura paterna em sua vida é certamente sinônimo de muitos traumas para a jovem, que presente os sinais do pai mesmo quando o homem não está por perto. Metaforicamente, podemos depreender a partir dessa construção sobre as profundas marcas que o patriarcado deixou e ainda deixa em mulheres, pois elas alcançam o mais íntimo, suas almas, matando-as por dentro.

Assim, vivi anos. Indiferente, quase morta. Sentia um desligamento do meu próprio ser. Sentia a ausência total do espírito de conservação. Vivi como alga flutuando sobre águas correntes. Os meus olhos não fixavam as cores nem a luz. Vivi no limbo infinito. Mas não sentia repouso, não sentia tranquilidade. A minha angústia estava pregada a uma coisa indefinida e, por ser indefinida, muitas vezes, cheguei às margens do abismo da morte (NERY, 1972, p. 114-115).

Ao fim da narrativa, a narradora continua viva, e relata sobre a morte de seus pais, acontecimento a que nem ao menos conseguiu reagir por decorrência do estado letárgico em que se encontrava. Retoma então ao manequim, que para ela simboliza o amor não vivido, a dor da existência, e que depois de anos ainda se encontra naquela casa onde tudo lhe fora negado, vida, amor e mesmo a morte. A previsão de morte é iminente, mas a preocupação maior é com o manequim e sua permanência material diante do que ele representa, por isso determina aos que ficarem que o queimem e joguem suas cinzas sobre seu corpo, para que então sua história possa ter fim.

Considerações finais

É importante dizer sobre a necessidade de constantes reavaliações do cânone literário, uma vez que a Literatura é movimento, amplificadora de vozes. Produzir tessituras literárias, sobretudo para as mulheres, significar criar novos ciclos, se considerarmos as estruturas e amarras que atravessam o olhar, o corpo, as vivências femininas que as impedem de viver livremente sem que suas vozes sejam infantilizadas, terceirizadas por homens.

Assim, o texto torna-se uma das ferramentas de transgressão de padrões epistemológicos e falocêntricos que constituem a cultura patriarcal e sexista que ceifam a vida das mulheres. Barthes (2000) assinala que o texto possui múltiplas vozes e este conceito vai além dos vários sentidos que este poderá assumir, visto que passeia pelo significado de “pluralidade do significante”. Para o autor “o texto não é coexistência de sentidos. Não depende de uma interpretação, mas de uma explosão, de uma disseminação” (BARTHES, 2000, p. 70).

Partindo desses pressupostos, a escrita feita por mulheres surge dessa necessidade de mirar-se, de reconstruir subjetividades que precisam ser realinhadas. Nessa conjuntura, Adalgisa Nery nos empresta um texto que respira “mulheridade” (BRANCO, 1991, p. 14), pois evoca as violências do imperialismo patriarcal, representado por toda uma constituição validada cultural e socialmente que agride mulheres ao longo da história.

A literatura produzida pela autora ecoa palavras de ordem e possibilidades de um mundo no qual as mulheres sejam protagonistas de suas histórias e, ao mesmo tempo, denuncia todo um arranjo no qual os corpos femininos estão situados, comprovados pelo *corpus* literário e, ainda, pela vida pessoal da autora.

Assim, a escrita de Adalgisa reconstitui o cânone literário, que como já mencionado, precisa de revisitações constantes para que as figuras femininas não sejam engolidas pela visão machista e branca da academia. Desse modo, a escritora e sua obra abriram horizontes, espaços, e continuam conferindo vozes às mulheres que foram apagadas da história apenas por serem mulheres.

Referências

BARTHES, Roland. **O grau Zero da escrita**: seguindo novos ensaios críticos. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

- BEAUVOIR, S. **The Second Sex**. ed. Deirdre Bair. New York, 1989.
- BRANCO, Lúcia Castello. **O que é escrita feminina**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- COUTO, Mia. **A Confissão da Leoa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- DUARTE, Constância Lima. Mulher e Escritura: produção letrada e emancipação feminina no Brasil. **Revista Ponto de Interrogação**, V. 1, n. 1, jan./jun., 2011. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication> Acesso em 25jul. 2022.
- HOOKS, Bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.
- HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher?** Mulheres negras e feminismo. Tradução livre para Plataforma Gueto. Janeiro, 2014.
- LACERDA, Lilian de. **Álbum de Leitura: memórias de vida, histórias de leitores**. São Paulo: UNESP, 2003.
- LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- MELLO, Ramon Nunes de. **Lembre-se da mulher triste - o caso de Adalgisa Nery**. Dissertação (Mestrado em Letras vernáculas - Literatura Brasileira) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.
- NERY, Adalgisa. **22 menos 1**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1972.
- NERY, Adalgisa. **Neblina**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.
- RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2019.
- SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do Macho**. São Paulo: Moderna, 1987.
- SPIVACK, Gayatri Chakravorty. **Pode um subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. 133p.